

A importância de 20 euros e de carinho na vida de uma criança africana

Assamo, órfão, natural de Moçambique, 12 anos. Há quatro que tem Maria Loureiro, portuguesa, como tutora a assegurar todos os meses, com 20 euros, as suas necessidades básicas de educação, saúde, vestuário, alimentação.

Esta é uma de muitas histórias de sucesso promovidas pelo Projecto Tutor à Distância (PTàD) da Associação de tutores e amigos da criança africana (Ataca), Organização não-governamental para o Desenvolvimento (ONGD), com sede na cidade do Porto.

A instituição nasceu de uma iniciativa criada por jovens estudantes que se deslocavam pontualmente a Moçambique em missões de voluntariado. Com a ajuda de pais e professores, ergueram a 1 de Agosto de 2006 a associação que hoje em dia apoia financeiramente, através de 250 tutores, 275 crianças, muitas das quais órfãs.

“Eu queria o tipo de menino que ninguém quer, que fosse mais velho ou tivesse algum problema, porque o meu objectivo era ajudar”, conta Maria Loureiro, professora, explicando que, na Ataca, cada jovem é atribuído de forma aleatória a um tutor. “Na altura, ele tinha um problema na fala provocado por um distúrbio na língua e eu fiquei preocupada”, acrescenta.

Através do trabalho dos voluntários da instituição, que fazem a ponte entre as crianças e os padrinhos ou madrinhas, a docente recebeu a informação de que Assamo tinha sido submetido a uma cirurgia e que agora fala como todos os outros colegas do orfanato “Casa Esperança”, em Quelimane.

Maria é tutora total, uma das três modalidades do PTàD. Neste caso, é dada mensalmente uma quantia de 20 euros que assegura todas as despesas do jovem. Os interessados no projecto podem escolher ainda entre ser tutores educação, contribuindo com 10 euros para os gastos escolares ou tutores amigos, oferecendo cinco euros.

“Vamos recebendo informação de três a quatro vezes por ano. É uma emoção enorme. Desta vez mostraram-nos vídeos, ele só se ria, ria-se

mais do que o que falava”, relata emocionada a madrinha de Assamo. “Tive a oportunidade de ver que ele é um menino feliz”, acrescenta.

“Todas as novidades recolhidas pelos voluntários em Moçambique são organizadas e inseridas numa base de dados”, explica Rita Esteves, membro da Direcção.

As crianças são submetidas a “um acompanhamento rigoroso”, salienta. Grupos constituídos, na sua maioria, por jovens, procedem à pesagem e medição dos apadrinhados, para detectar a existência de melhorias a nível nutricional. Estas informações são depois enviadas para os tutores portugueses de forma a “continuarem motivados a ajudar os afilhados”, salientou.

A maioria das crianças apoiadas pela Ataca estão em idade escolar e, por isso, os voluntários verificam as notas de cada uma e sempre que possível dão explicações de português.

A associação ajuda também jovens que vivam com familiares.

“O objectivo é conseguir criar independência económica nas famílias para que eles possam estudar e ter condições, evitando que tenham de ir para instituições de acolhimento”, revelou Rita Esteves.

Nestes casos, quem se presta a ajudar, entrega directamente a um responsável do lar o donativo do tutor e avalia todas as condições da casa, fotografando periodicamente o que é comprado com esse valor.

À sede chegam todas estas informações e por vezes situações em que as crianças têm de ser retiradas do projecto “porque os próprios pais não querem dar seguimento à escolaridade dos filhos”, explicou António Alves, 59 anos, voluntário que todos os sábados “faça chuva ou faça sol” se desloca às instalações da Ataca. “Têm outra mentalidade”, lamenta.

Em Moçambique “o rendimento está na terra e no que se cultiva e por isso muitos jovens têm de ir trabalhar para os terrenos”, contou um dos membros da Direcção. Um outro traço da realidade africana é a elevada taxa de mulheres e de crianças com o VIH. Segundo projecções do

Instituto Nacional de Estatística desse país para o presente ano, estima-se que possam existir 154 mil crianças seropositivas.

Isménia Oliveira, voluntária, teve a oportunidade de lidar com estes factores no terreno. A dietista fez, em 2008, a avaliação nutricional de todas as crianças, muitas consideradas desnutridas. Deu também formação sobre Educação Sexual aos progenitores e aos jovens para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

“Há muitas dificuldades em Moçambique. Existem muitas crianças, o dinheiro não chega para todas”, justifica.

Para além de António e Isménia, a Ataca conta com a ajuda de mais 33 voluntários, sendo que uma parte significativa trabalha na sede. Porém, são muitos os jovens que se deslocam em missão para África. Todos têm direito a um seguro de viagem. Quem for para Moçambique por um período de três meses, por exemplo, terá de suportar todos os custos da viagem, ao contrário dos que se disponibilizam a ficar mais de seis.

Uma outra forma de ajudar esta instituição é tornar-se sócio. É através de quotas mensais no valor de dez euros que a Ataca consegue gerir as despesas das instalações, do envio de correspondência entre os dois países, entre outros encargos. Essa verba permite ainda o envio de voluntários para África.

O balanço de quatro anos de trabalho em prole dos jovens moçambicanos é positivo. “Temos vários casos em que as crianças saem do projecto porque as famílias ficam autónomas e já não precisam da nossa ajuda. Essa é a melhor recompensa que podemos ter”, salienta Miguel Freitas, outro dos membros da Direcção. “Se em dez casos, três resultarem aí a Ataca já está a ter sucesso”, realça Rita Esteves.

Renata Silva